

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
BORIS LEHMAN - REALIZADOR CONVIDADO
13 de Dezembro de 2023

À LA RECHERCHE DU LIEU DE MA NAISSANCE / 1990

Um filme de Boris Lehman

Realização e Argumento: Baris Lehman / Direcção de Fotografia: Patrice Cologne, Aldo Mugnier e Antoine-Marie Meert / Som: Laurent Barbey, Martin Stricker e Henri Morelle / Montagem: Daniel Devalck / Assistente de Montagem: Olivier Moeckli / Assistente de Realização: Nora Delgado / Interpretação: Alain Blum, Simone Bohler, Freddy Buache, Paulette Cyngiser, Lionel El Kaim, Tito Fiero, Pierre. Izard, Zalek Kalb-Beller, Christiane Kolla, Hélène Lapiower, Marie-Christine Marville, Gaston Pillet, Jozy Potasznik, Jacques Roman, Dominique Scheder, Georges Vadnaï, Barbara Vogt, etc.

Produção: Dovfilm (Bruxelas), Amidon Paterson Film (Genebra), C.B.A., La Sept / Cópia em 16mm, colorida, versão original com legendagem electrónica em português / Duração: 78 minutos / Inédito Comercialmente em Portugal.

Numa recolha de textos sobre a obra de Boris Lehman publicada pela "Revue Belge du Cinéma" surge uma expressão que parece caracterizar o seu trabalho às mil maravilhas: "um cinema da autobiografia". E prosseguindo de acordo com esta ideia Philippe Reynaer escreve num dos textos que a obra de Boris Lehman "abre os caminhos da autobiografia enquanto género".

À La Recherche du Lieu de Ma Naissance, que veremos nesta sessão, é um filme onde estas ideias surgem de modo particularmente evidente. O ponto de partida é de uma simplicidade extrema, e surge sinteticamente resumido no título do filme. Trata-se, no fundo, de um retorno às origens e ao princípio de tudo, de uma busca da "prova da sua própria existência" - como se diz no filme -, ou de uma espécie de interrogação da relação entre um lugar e um tempo lugar e o tempo do nascimento do realizador. Ao mesmo tempo, há qualquer coisa de "mítico" no projecto. Os pais de Lehman eram judeus polacos que, com a ameaça do nazismo, se refugiaram na Bélgica. Como se sabe, nem esse país escapou a invasão alemã, e o casal Lehman viu-se novamente obrigado à fuga, atravessando clandestinamente a França para atingir a Suíça. E seria aí, em Lausanne, que Boris nasceria em 1944. Como se depreende, a preocupação do realizador com a questão das origens não é um mero acaso. Tudo se passa como se sentisse a necessidade de "fixar" um lugar num trajecto marcado pela errância e num

tempo marcado pela sua efemeridade – “a origem é como instante”, diz-se no filme ou seja, a grande questão prende-se com a busca de "marcas" da sua identidade.

É portanto a Lausanne que Boris Lehman se desloca. A sua busca do local exacto onde nasceu - em que hospital, em que quarto - proporciona o primeiro efeito de estranheza. Movendo-se por instâncias burocráticas - acções que o filme acompanha com algum pormenor - o resultado da busca queda-se pela descoberta de um punhado de fichas, de papel amarelecido pelo tempo, que são ao mesmo tempo a mais definitiva e a mais insatisfatória das "provas da sua existência". Por algum motivo, aliás, este é apenas o primeiro passo da pesquisa. É curioso o modo como Lehman, seguindo um objectivo tão teoricamente preciso como materialmente difuso, recorre em vários momentos do filme a uma lógica muito próxima do documentário mais "ortodoxo", com a intenção, jurar-se-ia, de provar a incapacidade deste modelo para chegar aos fins em questão.

Por isso, o filme não demora muito tempo a encetar uma deriva incessante entre vários registos diferentes, numa demonstração de liberdade por vezes surpreendente. São as pequenas encenações - como a do miúdo no barco, logo ao princípio -, são as múltiplas pequenas ficções que despontam do encontro de Lehman com pessoas e com lugares, são ainda as várias utilizações de material filmado pré-existente. Este tem aliás, uma função muito precisa, que fica evidente quando Lehman mostra imagens da II Guerra Mundial para evocar o tempo do seu nascimento. O que esses momentos sugerem é tanto a vontade de "contextualizar" o nascimento como a consciência de que nenhuma autobiografia se pode fazer sem pensar os seus prolongamentos com aquilo que lhes é exterior. Ou, como Hadelin Trinon bem definiu, socorrendo-se de palavras de Gertrud Stein, a consciência de que "cada autobiografia é, afinal de contas, uma autobiografia do mundo inteiro".

Algo de inatingível na sua plenitude, portanto, e algo que se escapa permanentemente para fora de qualquer alcance. No final, Lehman inclui uma pequena parábola que poderia resumir o seu gesto: o velho eremita que sai da gruta e desce às arrecuas até ao lago. E o momento da consciência de que, como o lago Lemman que as imagens mostram, "tudo está demasiado longe, invisível". E como todos os momentos de consciência, é um momento de serenidade.

Luís Miguel Oliveira